

Covas não abre mão da liderança

Vai lutar para que Ulysses não assuma comando das negociações

FOTOS: ARQUIVO

Marchezan reaparece e pede renúncia

J. C. TERLERA
Correspondente

Porto Alegre — O presidente regional do PDS Nelson Marchezan, comunicou à Executiva do partido que não mais assumiria a presidência. Na comunicação ele justificou a medida como necessária diante de sua atividade como consultor jurídico do Banco do Brasil e escritório com banca instalada em Porto Alegre. Porém, na prática, a verdade é que Marchezan fez um pronunciamento durante churrasco promovido pelos ex-prefeitos da Arena e PDS em Porto Alegre, ocasião em que referiu-se às dificuldades de sobrevivência do partido a nível nacional e lembrou entendimentos que vêm sendo desenvolvidos em Brasília por líderes nacionais, entre eles o próprio Marchezan. No dia seguinte o bloco estadual assinou uma carta a Jarbas Passarinho criticando veementemente as posições do senador e do próprio Marchezan, o que irritou o ex-parlamentar, que agora está definitivamente fora do comando do partido no Estado.

Hoje Marchezan, além de sua atividade como funcionário do Banco do Brasil, tem um escritório de advocacia no centro de Porto Alegre. Ele tem ido constantemente a Brasília mas negou que tivesse sido convidado pelo presidente Sarney ou outro líder para ocupar um cargo federal. "Não existe absolutamente nada disso", afirmou.

Marchezan, a propósito do governo de Pedro Simon, disse reconhecer que "há muitas dificuldades para ele, mas por enquanto ele está sofrendo um desgaste mais do que o esperado. Imagine que o governador buscou junto ao STF a revogação de leis e não substituiu por outras, o que criou um clima de muita intranquilidade no Estado, o que não é nada bom. Além do mais, há de se reconhecer a desorganização do governo do Estado. Também vale citar que enquanto nos demais estados os governadores estão demitindo funcionários contratados durante a última campanha eleitoral, aqui o governador demite funcionários com 15 e 20 anos de serviço público, o que é bem diferente, pois cria um sério problema social. Ainda não se viu no governo Simon uma perspectiva de futuro para o Rio Grande, que é difícil de projetar quando se sabe que ele recebeu um governo em difícil situação, mas também não se pode silenciar ante a desorganização que impera atualmente a nível de administração no Rio Grande".

Marchezan, ao falar sobre a sucessão de Sarney, disse ser "ainda muito cedo para tratar desta questão, até porque ainda não está nem mesmo definido o mandato do atual presidente, pois a Constituinte não fixou o mandato. Assim, entendo cedo demais para projetar a sucessão de um presidente que ainda não sabe ao certo qual será o seu mandato".



Mário Covas e seu núcleo de pressão: Antônio Britto, Paulo Macarini e Antônio Pedrosa

O "grupo de choque" na Constituinte

Os deputados Antônio Perosa (SP), Paulo Macarini (SC), Robson Marinho (SP) e Antônio Britto (RS) constituem, hoje, o que se denomina o grupo de Mário Covas, não apenas porque são os principais vice-líderes do líder do PMDB na Constituinte, como porque dele se aproximaram pessoalmente, numa convivência diária que só aumentou os vínculos.

O paranaense Euclides Scalco, conhecido por sua organização e eficiência, é uma espécie de coordenador do grupo, sobretudo para sistemáticas reuniões diárias em que são analisados diferentes aspectos do trabalho em andamento na Constituinte, assim como os acontecimentos no PMDB e suas relações com o PFL e o Governo.

PEQUENO NÚCLEO

A esse grupo deve se acrescentar um amigo íntimo de Mário Covas, de longa data, o ex-governador e atual senador José Richa (PR), que com ele não apenas divide seu gabinete através de uma porta interna, como são vizinhos de apartamento na quadra dos senadores — SQS 309. Richa e Covas conheceram-se em 1962 na Câmara, como deputados, e cultivam desde lá uma íntima relação de amizade.

Segundo alguns deputados do grupo, existe um acordo tácito pelo qual um dos dois apoiará aquele que estiver em melhores condições para aspirar à candidatura a presidente da República dentro do partido. Isso parece verdadeiro, pois, embora dividam aqui e ali, no que não é essencial, estão sempre juntos no fundamental.

Richa frequenta muitas das reuniões mais íntimas em que o líder e seus amigos analisam a situação e os problemas do dia-a-dia no partido, na Constituinte e no País. A única divergência entre os dois diz respeito à duração do mandato — Covas defendia e defende quatro anos, Richa defendia seis ou cinco anos. Na última reunião da bancada do PMDB na Constituinte, Richa acabou mudando de posição para ficar com a de Covas.

A fase de ostracismo consolidou essa amizade pessoal entre o paulista e o paranaense, entrelaçando as duas famílias. Quando Zuzinha, o filho de Covas, foi campeão automobilístico de Fórmula Ford, em 74, esteve hospedado na residência de José Richa, no Paraná. Mas, todos concor-

dam em que os dois têm perfis ideológicos diferentes.

Covas é um liberal mais à esquerda, Richa um liberal de talhe conservador. A corrente que Mário Covas lidera no PMDB está do centro para a esquerda, enquanto que José Richa sempre se identificou mais com os conservadores do partido, sem perder de vista os compromissos democráticos do PMDB.

OS AMIGOS

Do núcleo hoje conhecido como "grupo de Covas", ressaltam as figuras de dois paulistas — Antônio Perosa, ex-secretário do ex-prefeito de São Paulo, da região de Catanduva-Rio Preto, e Robson Marinho, ex-prefeito de São José dos Campos, ex-presidente da Assembleia de São Paulo e ex-líder do partido naquela Casa.

Perosa é engenheiro agrônomo e começou sua amizade com Mário Covas em 1982, desenvolvendo essa relação depois como seu secretário de Agricultura. E homem de confiança pessoal do líder do PMDB na Constituinte.

O deputado catarinense Paulo Macarini é amigo de Covas desde a década de 60. Foi seu vice-líder quando ele era líder do antigo MDB na Câmara. Ambos foram cassados depois da decretação do Ato Institucional nº 5, em 68, e não se afastaram desde lá. Macarini votou em Luiz Henrique para líder do PMDB na Constituinte. Ele não poderia deixar de votar em um catarinense. E o fez com a aprovação de Covas.

Paulo Macarini é o responsável pelo plantão de liderança no plenário. Euclides Scalco pelos plantões de lideranças nas comissões da Constituinte. O revezamento nos plantões de liderança nas subcomissões funcionou como um re-

lógio, sem qualquer discrepância, segundo observa o vice-líder gaúcho, Antônio Britto.

As avaliações de conjuntura reúnem sistematicamente o grupo com Mário Covas com a preocupação constante de discutir formas de unir o partido, evitando as ameaças de defecções. Nesses encontros são feitas análises da situação econômico-financeira, das relações com o Governo, dos problemas com o PFL e de decisões adotadas pela executiva nacional.

A preocupação é unir o PMDB de forma a lhe garantir uma presença progressista na Constituinte. Por isso, o líder e seu grupo ficaram angustiados com algumas decisões francamente retrógradas de importantes subcomissões, discutindo agora intensamente formas de negociações com os conservadores que evitem uma Constituição anacrônica, ao final dos trabalhos.

Para o deputado Antônio Perosa, não há dúvida de que o acordo celebrado entre Ulysses Guimarães e 17 coordenadores de bancadas do PMDB, a facção mais conservadora, tem o objetivo de isolar Mário Covas e seus correligionários mais à esquerda.

O acordo entre Ulysses e Sarney — disse Perosa — se faz em torno do mandato de cinco anos, tendo os governadores como anteparo. Na verdade, esse pacto começou com a chamada Missão Brossard, as viagens que fez o ministro da Justiça, Paulo Brossard, aos Estados para conversar com os governadores. Era o início da manobra que agora se torna clara.

Posteriormente, com a designação do deputado Carlos Sant'Anna, a conspiração se tornou mais agressiva, segundo o deputado Antônio Perosa. A estratégia escolhia um parlamentar para pôr uma cu-

nha dentro do partido, iniciando o processo de divisão que ficou nitidamente caracterizado na última reunião da bancada na Constituinte.

Essa aliança do Governo se dá com o grupo mais fisiológico e conservador do partido — observa Perosa. Essa política declarada de Sarney pelo lema "aos amigos tudo, aos inimigos a lei", não poderá conduzir à união do PMDB, mas à sua divisão interna. E uma política que tenta sufocar os grandes compromissos de rua do partido.

O deputado paulista lembra que Tancredo e as principais lideranças da Aliança assumiram o compromisso de que a transição se encerraria com a promulgação da nova Constituição e a eleição direta para escolha do futuro presidente da República.

O Mário Covas e nós estamos cobrando esse compromisso — disse.

Covas e seus amigos estão certos de que é possível unir o PMDB em torno de uma proposta reformista, uma proposta de centro-esquerda, que sempre foi o grande charme eleitoral do partido. Por isso também defende o mandato de quatro anos, convencido de que este é o desejo da maioria da população brasileira.

O presidente Sarney — afirma Perosa — quer influir nas decisões do partido na Constituinte para lhes imprimir sentido conservador, traindo o programa partidário. Poderíamos imaginar, um dia, que oito deputados do PMDB se uniriam a Delfim Netto e Roberto Campos para acabar o monopólio estatal do petróleo?

O fisiologismo escolhido pelo Governo para consolidar suas relações no PMDB constitui um erro, para o grupo de Covas. A fisiologia nunca congregou um grupo político importante. Ela estimula as divisões e a desagregação, mesmo porque os que aceitam esse jogo — diz Perosa — têm uma fome insaciável.

Quanto à sucessão presidencial, este é um tema proibido por Covas na reunião do grupo. Há brincadeiras, mas o problema não chega a ser avaliado seriamente. O deputado Antônio Perosa afirma que, quando chegar a hora da onça beber água, isto é, quando se aproximar a data da eleição presidencial, Covas e Richa "terão uma conversa muito séria" para definir qual dos dois será o candidato. (T.H.)

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O senador Mário Covas não abre mão das suas prerrogativas de líder da bancada constituinte do PMDB. Isso significa que não assistirá de braços cruzados que o presidente do seu partido, Ulysses Guimarães, resolva assumir o papel de coordenador nas negociações entre a esquerda e a direita nas comissões temáticas da constituinte sobre pontos capitais que estão sendo objeto de debate nesse processo de elaboração da nova Carta.

Covas, que está no Rio Grande do Sul, admite que houve um erro de avaliação quando se pensou que o grupo progressista faria prevalecer seus pontos de vista nas subcomissões mais importantes, vencendo as resistências conservadoras. Os relatórios apresentados, sobretudo na área econômica, mostram resultado exatamente inverso.

Quarta-feira à noite numa reunião promovida por Ulysses com todos os relatores das comissões temáticas e a presença das lideranças mais importantes do partido, Covas fez uma verdadeira autocritica a respeito do comportamento da liderança durante o processo de tomada de decisões nas subcomissões.

Covas afirmou que esta primeira rodada do trabalho constituinte delineou uma Constituição retrógrada, muito longe dos sonhos da corrente progressista do PMDB. E admitiu que isso se deveu ao fato de o partido não ter se preparado para discutir previamente os pontos capitais e obter decisões mais próximas possíveis de sua mensagem.

Por isso mesmo, o líder do PMDB na Constituinte afirmou que não se pode esperar agora uma Constituição progressista, sendo preciso promover uma negociação interna, a nível de partido para evitar uma Constituição retrógrada. E preciso negociar para obter uma média de opiniões que não resultará numa Carta compatível com o programa partidário, mas evitará o pior. O PMDB foi derrotado pelo próprio PMDB, tanto que, na Subcomissão de Princípios Gerais, o relatório Virgildário de Senna foi derrotado por 15 a 8 e entre os 15 estavam oito deputados do PMDB.

Se concorda com a necessidade dessa prévia negociação interna entre a esquerda, a direita e o centro do PMDB, em todas as comissões temáticas, Covas não está disposto a transferir suas responsabilidades na coordenação desses entendimentos para o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães.

Ele e seus amigos não gostaram da decisão do líder do Governo, na Câmara Carlos Sant'Anna, de entregar a Ulysses Guimarães a responsabilidade de promover os entendimentos prévios dentro do partido. E já soube que Fernando Henrique Cardoso não concordou em colaborar com a negociação se ela não fosse conduzida pelo líder do PMDB na Constituinte.

Está claro que Ulysses quer reassumir o comando do partido, que fugiu de suas mãos a partir da eleição surpreendente de Covas para líder na Constituinte, derrotando o notório candidato de Ulysses e seus amigos, que era o atual líder da bancada na Câmara, o catarinense Luiz Henrique. Ulysses perdeu a liderança incontestável que tinha sobre o partido e não é sensato supor que mantenha aquela posição.

Mas, Ulysses ainda é a única liderança que pode transitar facilmente entre a esquerda e a direita do partido. O senador Mário Covas, na fase de designação dos relatores para as subcomissões temáticas, comprometeu-se demasiadamente com o grupo progressista, que conseguiu conquistar a maioria das posições importantes. Agora, Ulysses poderá voltar a desempenhar o papel pendular que sempre desempenhou no PMDB, situando-se ora mais à direita ora mais à esquerda, dependendo da expressão política que eventualmente ganhava o respectivo grupo no partido.

E claro que Ulysses quer reassumir o papel singular que sempre lhe foi reservado no PMDB sem que lhe interesse substituir Covas na função coordenadora.



Scalco: coordenador



José Richa: o amigo